

Do cômico ao terror: transições imagéticas do palhaço na sociedade de consumo

Matheus Alberto Ramos de Freitas;

Rita Aparecida da Conceição Ribeiro

resumo:

Este ensaio efetuou uma análise da simbologia do palhaço nos tempos atuais possuindo como foco a indústria do entretenimento. A partir de um histórico do século XIX ao XXI que acompanha as transições tecnológicas e midiáticas dentro da sociedade de consumo, a imagem dos palhaços transitou não apenas dentro do campo da comicidade como extrapolou fronteiras e ganhou forças no gênero de terror, principalmente no cinema. Investigamos esse fenômeno no qual os cartazes de circos com desenhos de palhaços no século XX assumiram um papel importante nesta nova transição. O novo paradigma dos *palhaços sombrios* revela consequências para além das plataformas de midiáticas que provocou mudanças de consumo e de comportamento em relação aos palhaços tradicionais.

palavras-chave:

Palhaço; terror; consumo; cultura; entretenimento

1 Introdução

Existem inúmeros autores com inúmeras definições para os palhaços, mas é bom começar pelo sentido linguístico e que conforme a língua a palavra modifica, mas a semântica permanece similar. No latim se encontra a palavra *scurrilis*, *scurrile* (*scurra*) que significa: “De bufão, de bobalhão ou engraçado, divertido, alegre, jocoso” (REZENDE e BIANCHET, 2014). Este significado corresponde ao sujeito que provoca comicidade que no italiano pode ser chamado de *pagliaccio* e do qual se configurou *payaso* em espanhol, *paillase* em francês e palhaço em português; no inglês é mais conhecido como *clown*, termo que se propagou tanto na Europa, nas Américas (também nos países de origem latina) e em outros continentes.

Alice Viveiros de Castro que escreveu o livro *O elogio da bobagem* (2005), o qual tornou uma referência no meio artístico brasileiro. Na introdução a autora explica o que é o palhaço da seguinte forma:

O Palhaço é a figura cômica por excelência. Ele é a mais enlouquecida expressão da comicidade: é tragicamente cômico. Tudo que é alucinante, violento, excêntrico e absurdo é próprio do palhaço. Ele não tem nenhum compromisso com qualquer aparência de realidade. O palhaço é comicidade pura. [...]

Esse nosso personagem imaginário sobreviveu a todas as catástrofes naturais, inclusive às construídas pelos homens. Esteve presente nas batalhas, nas festas e nos rituais mais sagrados, sempre cumprindo o mesmo papel: provocar o riso (CASTRO, 2005, p. 11-12).

Contudo, será que Castro previu que na primeira metade do século XXI o palhaço seria apropriado hegemonicamente pela indústria cultural como uma figura sombria? A série de TV estadunidense *American Horror Story* (2011) em sua quarta temporada apresenta *Freak Show* (2014) aonde Twisty, um palhaço assassino, se destaca e no mesmo ano estreou *Clown* (2014) no qual um padre é atormentado por uma amaldiçoada roupa de palhaço; na animação *Divertida Mente* (2015), que não é de terror, a protagonista Riley Andersen possui guardado no seu subconsciente um enorme palhaço maldoso que ela identifica como um dos seus maiores medos; *Behind the Sightings* (2017), no estilo filme-documentário de terror, se baseia no episódio conhecido como *avistamentos de palhaços em 2016*; o filme *IT* (2017), que conta a história de uma criatura maligna transformada em palhaço, bateu o recorde de longa-metragem de terror mais visto de todos os tempos e, em 2019, o recém-lançado segundo filme está fazendo grande sucesso; o vilão das histórias de quadrinhos Coringa, um gênio do crime e um psicopata que se traveste de palhaço, ganha notoriedade no filme *Batman Begins* (2005), reaparece em *The Dark Knight* (2008), *Esquadrão Suicida* (2016) e finalmente ganha seu próprio filme *Coringa* (2019). A vilã Arlequina, conhecida como a namorada do Coringa, é outra figura travestida de palhaço que protagonizou seu próprio filme, *Birds of Prey* (2020).

Além do fenômeno dos *palhaços sombrios*¹ na indústria do entretenimento existe outro fenômeno correlato no qual os mecanismos de busca na *internet* associam o termo palhaço ao universo do terror ou dos vilões, culminando no aparecimentos destes em boa parte dos resultados de busca, o que reafirma ainda mais a distorção do arquétipo da figura historicamente reconhecida como a da comicidade.

Por fim, chegou-se ao ponto do consumo de produtos do palhaço sombrio como não se esperava; são máscaras e vestimentas cobiçadas tanto pelo público infanto-juvenil quanto pelos adultos como é visto no decorrer do texto.

¹ Neste texto é usada a nomenclatura *palhaço(s) sombrio(s)* para designar estas figuras que podem ser caracterizadas por vilões, malignas, assustadoras, amedrontadoras, criminosas etc. Que apropriaram simbolicamente de elementos do universo dos palhaços tradicionais, principalmente os de circo. Na literatura convencional que estuda os palhaços, este tipo sombrio não é classificado como um palhaço. Tipos como *clown*, bufão, augusto, branco, excêntrico, arlequim, jogral, bobo da corte, nenhum destes se encaixam no propósito central do “palhaço sombrio” que está menos preocupado com a provocação do riso e da alegria e mais focado em causar assombro ou ser o antagonista da narrativa dramática. É usada a definição *palhaço sombrio* simplesmente para facilitar a escrita e diferenciar dos palhaços convencionais.

A proposta desta investigação é procurar entender o que está causando este novo fenômeno da distorção do arquétipo do palhaço na sociedade de consumo contemporânea. Como os ditos palhaços sombrios se relacionam visualmente com os palhaços de circo que adquiriram grande notoriedade nos séculos XIX e XX, este é o ponto de partida desta pesquisa que passa também pelo o cinema nos séculos XX e XXI, que se torna o grande disseminador do entretenimento da indústria cultural.

Em seguida são analisadas as consequências sociais deste novo fenômeno, sua repercussão na *internet* e nas comunidades estadunidenses e em outros locais no mundo. Finalmente, as conclusões que são possíveis de serem obtidas a respeito do objeto de estudo e um provável prognóstico sobre o que está conduzindo a alta disseminação e repercussão dos palhaços sombrios.

2 O palhaço no século XIX

Foi no século XIX que o mundo Ocidental passou a conhecer o circo moderno. Concebido nos Estados Unidos, os famosos circos com seus mastros transportados da arquitetura das naus de navegação, suas cordas, roldanas e moitões; e, sua grande marca, as enormes lonas esticadas cobrindo suas estruturas engenhocas mais o picadeiro e as arquibancadas. Na segunda metade do século XIX os grandes circos nos Estados Unidos, já configurados como a grande indústria do entretenimento daquele período, chegam em Londres com o inovador Circo Barnum para uma temporada pela Europa. Contudo, anterior a este acontecimento, os sócios estadunidenses James Cooper e James Bailey haviam circulado com o *Great International Circus* pela Austrália, Nova Zelândia, Peru, Chile, Uruguai e Argentina sendo pioneiros na condução do circo moderno para além das fronteiras nacionais.

É certo que o circo moderno foi o grande disseminador das retratações imagéticas dos palhaços com suas faces carregadas de maquiagem e de suas roupas extravagantes e coloridas, o modelo de circo estadunidense começa a ser reproduzido em diversos países. É importante entender que o circo se torna no final do século XIX uma grande aposta capitalista da indústria do entretenimento, pois muitos empresários circenses nos EUA viraram homens muito poderosos e famosos como Phineas Taylor Barnum e William Cameron Coup, que a partir de 1870 passaram a transportar os espetáculos circenses pelas ferrovias:

Isso transformou o circo em uma corporação industrial moderna, com sistemas de gestão completos, departamentos diferentes com chefes, agentes de contratação. Eles contrataram advogados, precisavam assinar contratos nas cidades espalhadas pelo país nas quais iam se apresentar, e tinham uma equipe de promotores que, com o tempo, passou a viajar em quatro trens diferentes (DAVIS, 2018).

E nessa grande corporação industrial, os palhaços foram sedimentando suas atuações e crescendo suas participações nos espetáculos circenses:

Além das cenas a cavalo e das estrepolias nos números de corda, equilíbrios e saltos, o palhaço dos primeiros espetáculos do circo moderno logo desenvolveu outra forma de comicidade, que rapidamente foi incorporada e transformou-se numa cena tradicional: o diálogo com o mestre de pista (CASTRO, 2005, p. 60).

Contudo, a origem do palhaço de circo e sua representação imagética surgiu na verdade de um famoso palhaço de palco como Castro explica:

Toda a vida [Joe] Grimaldi [(1778-1837)] foi um palhaço de palco, de pantomimas, nunca tendo atuado num picadeiro. Mas suas graças, truques, apetrechos e maquiagem marcaram de tal forma a arte da palhaçada que, por quase um século, sua imagem passou a ser a imagem clássica do palhaço. O rosto pintado de branco, grandes manchas vermelhas marcando as bochechas, a boca vermelha dando a sensação de um sorriso rasgado à força e uma inusitada peruca com os cabelos espetados produziam

uma figura estranha, estapafúrdia, com um toque de crueldade (CASTRO, 2005, p. 62-63).

Figura 1. Fotografia de palhaço estadunidense do início do século XIX



Fonte: (BOTTUM; BLESSINGER, 2019)

Fato é que os palhaços no século XIX ganharam o público circense (CASTRO, 2005, p. 67). Estas figuras cômicas e extravagantes compuseram os espetáculos de circo das maneiras mais diversas possíveis. Eles podiam estar juntos de trapezistas próximos das lonas saltando ou de acrobatas no solo, podiam compor números musicais ou diálogos divertidos com os mestres de cerimônias. É notável como o palhaço se tornou a partir do final do século XIX uma figura central nos circos, contudo não se pode negar sua presença neste mesmo período em feiras, nas ruas, nos teatros e principalmente fora do mundo eurocêntrico².

3 O palhaço no século XX

Definitivamente é no século XX que a representação imagética do palhaço com o nariz esférico vermelho ganha força e justamente neste período os palhaços começam a aparecer com maior ênfase nas campanhas publicitárias das casas de espetáculos, incluindo os circos. O final do século XIX e início do XX é um marco importante para a indústria do entretenimento justamente por conseguir romper de modo substancial com os valores conservadores que até então significavam uma barreira ao lúdico:

O circo, francês e inglês, sofreu com os limites impostos pelas rígidas normas e leis que controlavam os espetáculos e garantiam privilégios para o teatro dramático. Os palhaços só podiam dizer pequenas frases e interjeições, não podiam tocar instrumentos de verdade e, mesmo assim, eram capazes de atrair multidões (CASTRO, 2005, p. 67).

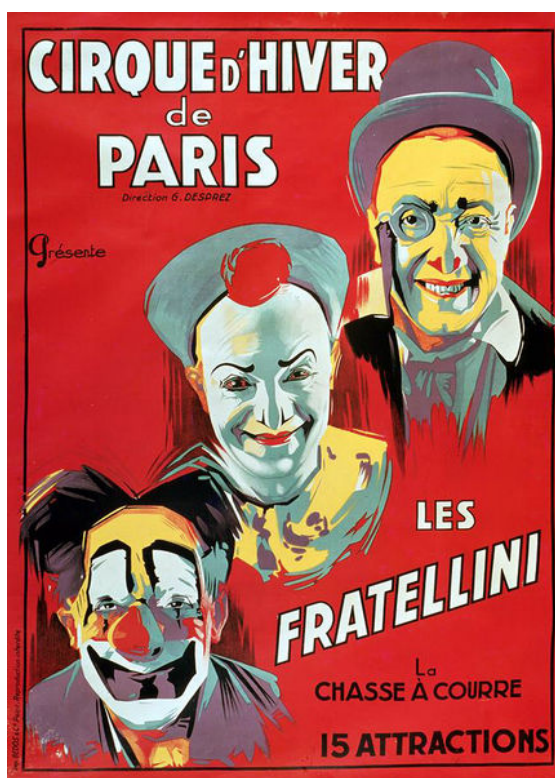
Outro obstáculo foi a religião. Nos Estados Unidos os circos não eram bem vistos pelos protestantes que valorizavam uma vida restrita ao trabalho e à oração:

² Esta investigação possui como foco a análise do palhaço como fruto da sociedade de consumo hegemônica, e devido a isso o olhar foi direcionado para os grandes mecanismos de entretenimento como o circo nos séculos XIX e XX e o cinema nos séculos XX e XXI.

Em quase todo lugar que ia, o circo era recebido com reprovação. No começo do século XIX, o país passava por um renascimento religioso. Os líderes da igreja afirmavam que o trabalho duro era virtuoso e que todo tipo de entretenimento era pecaminoso (American Experience: The Circus, 2018).

Contudo, no século XX essas limitações foram rompidas, o que favoreceu imensamente o consumo do lúdico e sua integração ao público infantil.

Figura 2. Cartaz de propaganda do *Cirque d'Hiver* apresentando os irmãos Fratellini e o show *La chasse à courre* de 1927.



Fonte: (CIRCOPEDIA.ORG, 2007)

De acordo com Castro foi o irmão Albert Fratellini, representado no cartaz acima com o nariz esférico vermelho, que em 1910 inovou criando um augusto mais tonto dos que até então existiam: “[...] um super imbecil com um visual tão hiper-super-extra-incrível e exagerado, que mudou a face dos palhaços dali por diante” (CASTRO, 2005, p. 71).

Um fato é certo, na relação entre palhaços e circos no século XX, se de um lado a imagem do palhaço passou a ser apropriada pelas empresas circenses para a divulgação dos seus espetáculos, do outro os circos trouxeram uma condição de maior dignidade para estes artistas da comicidade. Em alguns casos o artista falecia e o próprio filho dava sequência ao palhaço sem perder o vínculo com o circo ou com as corporações de entretenimento como o caso de Emmett Kelly e seu filho Emmet Kelly Jr. Ou ainda, o próprio empresário do circo era o palhaço principal como o caso do famoso Circo Nerino no Brasil fundado e administrado por Nerino Avanzi que apresentava o renomado palhaço Picolino. Contudo, o moralismo social não perdoou nem o circo nem o palhaço, taxando os dois de modo inferiorizado linguisticamente:

Existem poucas coisas mais sérias que um palhaço. Poucas coisas são mais bem organizadas do que um circo e, apesar de tudo, na linguagem coloquial segue chamando o circo de caos e de bagunça, e o palhaço de covarde e sem personalidade. Talvez a subversão de conceitos, a perversão da linguagem, nos force a reivindicar a precisão dos termos um dia³ (AMERO e PERNAS, 1985 *apud* JARA, 2000, p. 36, tradução dos autores).

O século XX marca também um novo fenômeno da participação do palhaço na indústria do entretenimento, sua migração para o cinema:

Os novos meios de comunicação abriram inúmeras possibilidades para os palhaços e comicos de diferentes estilos. O cinema abrigou a comicidade física e universalizou figuras como Buster Keaton, [Charlie] Chaplin, o Gordo e o Magro, Peter Sellers, Jerry Lewis e os Monty Python (CASTRO, 2005, p. 206).

É neste universo tecnológico das artes e sua fácil reprodução que os palhaços vão adquirir um novo *status* de fama, influência, poder e enriquecimento. As grandes telas de cinema propagavam a utopia da liberdade artística e sua acessibilidade aos diversos públicos e um meio de politização sobre a sociedade de consumo. Não há, talvez, melhor figura que vivenciou esta utopia do que Charles Chaplin. Este palhaço marcou na história do cinema a potencialidade cultural deste mecanismo industrial ao atingir as grandes massas populacionais produzindo sem as limitações e os controles das grandes corporações, algo impossível de se imaginar nos tempos atuais:

Se o circo consolidou o palhaço como profissional e trabalhador, o cinema alcançou para ele níveis inimagináveis de popularidade até aquele momento. O maravilhoso invento dos irmãos Lumière tornou-se um meio de consagração financeiro de público. O fato de não precisar atuar ao vivo para ser visto fez um número de grandes comediantes atravessar todas as fronteiras. A era dos famosos havia começado⁴ (JARA, 2000, p. 37, tradução dos autores).

Mas Chaplin, Keaton, Lewis entre outros eram palhaços? Estes artistas do cinema não estavam fazendo o mesmo que os circos do século XX ao padronizar os palhaços com vestimentas coloridas, acessórios excêntricos e excessivas maquiagens. Na verdade, eles aparecem ao público como sujeitos comuns da sociedade daquela época, mas que aos poucos vão revelando que são especialmente diferentes. São muito engraçados, porém distintos de um ator convencional, possuem características de comicidade próprias que os fazem parecer um personagem dentro de outros personagens que se modificam de acordo com o roteiro do filme e é neste lugar que mora o palhaço brincando de ator para fazer o telespectador rir e se alegrar:

Pegando os dois mais reconhecidos, [Charlie] Chaplin e [Buster] Keaton, vieram de dois gêneros teatrais semelhantes: o *music-hall* europeu o primeiro e o *vodevil* americano o segundo. Juntamente com o circo, eles estavam no início do século [XX] e formaram o ambiente em que a arte do palhaço se desenvolveu então. Eram espetáculos de variedades, nos quais era possível fazer de tudo, com a única condição de ser divertido ou causar admiração. Cães falantes, comedores de fogo, malabaristas,

³ Texto original: *Pocas cosas existen más serias que un payaso. Pocas cosas hay mejor organizadas que un circo, y pese a todo, en el lenguaje cotidiano se sigue llamando circo al caos y al desorden y payaso al pusilánime, al carente de personalidad. Quizá la subversión de conceptos, la perversión del lenguaje, nos obligue a reivindicar algún día la precisión de los términos.*

⁴ Texto original: *Si el circo dotó al clown de la definitiva categoría de oficio, el cine logró para él cotas de popularidad inimaginables hasta ese momento. El maravilloso invento de los hermanos Lumière se convirtió en su medio de consagración material y público. El hecho de no tener que actuar en directo para ser visto hizo que el número de los grandes cómicos traspasara todas las fronteras. Había comenzado la época de los famosos.*

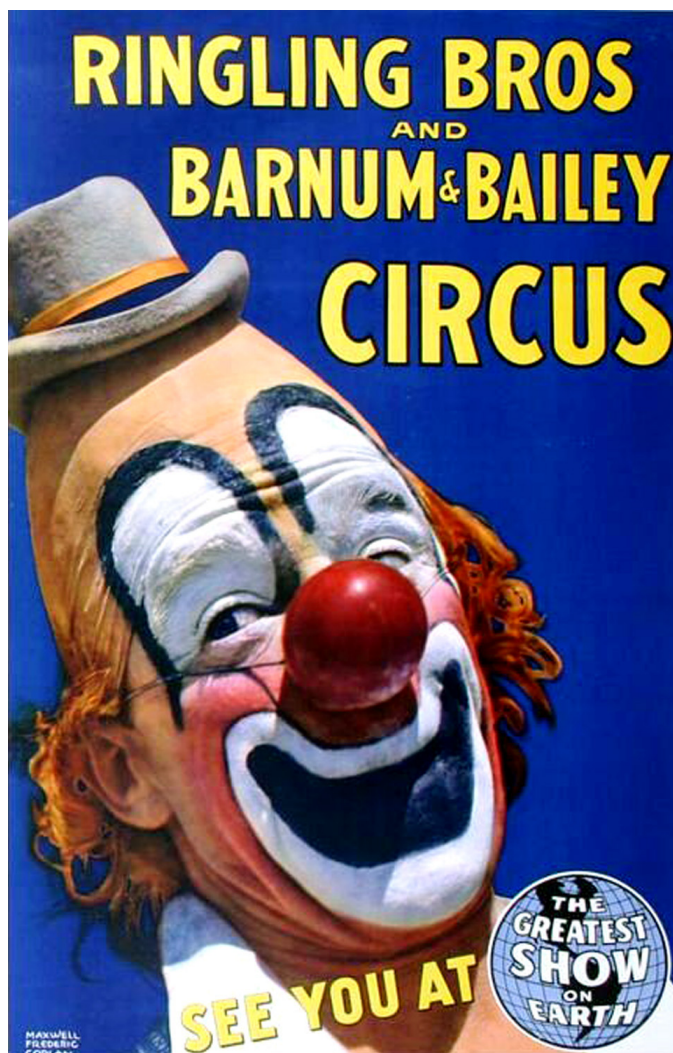
palhaços, pessoas que adicionavam ou subtraíam para trás, cavalos que sabiam contar, números musicais, mágicos, esquetes de todos os tipos. Neste ambiente, Keaton, Chaplin, Stan Laurel, e muitos outros que não alcançaram a fama, se formaram como acróbatas e mímicos cômicos com suas famílias, o que para alguns foi de grande utilidade para depois triunfar nas *slapstick*, filmes de curtas-metragens em que tudo girava em torno de uma ação acelerada, baseada em perseguições, quedas, arremessos de bolo e várias lutas⁵ (JARA, 2000, p. 37, tradução dos autores).

No Brasil existiu um palhaço poderoso no cinema nacional, o famoso Amácio Mazzaropi que como Chaplin desenvolveu seu próprio estúdio de gravação e produziu inúmeros filmes e pôde viver um pouco também da utopia da liberdade artística cinematográfica abordando várias questões relevantes da sociedade brasileira em meio da comicidade.

Entretanto, foi o circo um grande responsável por tornar os palhaços figuras amadas e queridas pelo grande público e, ao mesmo tempo, desejadas em programas de televisão e ícones de grandes marcas, e desta forma, as representações imagéticas do palhaço de picadeiro foram sendo apropriadas fora do contexto das casas de espetáculos como o Ronald McDonald da grande corporação do segmento de fast foods e o famoso apresentador televisivo brasileiro Chacrinha que se travestia de palhaço em seu programa de auditório.

⁵ Texto original: *Tomando a los dos más reconocidos, Chaplin y Keaton, ambos provenían de dos géneros cómicos teatrales parecidos, el music-bali europeo el primero y el vodevil americano, el segundo. Junto al circo, estaban en auge a principios de siglo y conformaban el ámbito en el que se desarrollaba entonces el arte del clown. Eran espectáculos de variedades, en los que se podía ver de todo, con la única condición de que divirtiera o causara admiración. Perros que hablaban, tragafuegos, malabaristas, payasos, gente que sumaba o restaba al revés, caballos que sabían contar, números musicales, magos, sketches de todo tipo. En este ambiente, Keaton, Chaplin, Stan Laurel, y otros muchos que no alcanzaron la fama, se formaron como acróbatas y mimos cómicos con sus familias, lo cual les fue de gran utilidad a algunos para triunfar después en las slapstick, films de corta duración en las que todo giraba en torno a una acción trepidante, basada en persecuciones, caídas, lanzamientos de tartas y peleas variadas.*

Figura 3. Cartaz do gigante circo estadunidense Ringling Bros e Barnum & Bailey de 1965.



Fonte: (CIRCOPEDIA.ORG, 2007)

Contudo, o advento dos novos meios de comunicação a partir do período pós-segunda guerra mundial que conduziu à popularização do rádio e da televisão junto à ascensão do cinema que se tornou um dos preferidos bens culturais de entretenimento, o circo começa a entrar em declínio em todo o ocidente: “Enquanto soviéticos, chineses e demais países da ala comunista valorizavam o circo e investiam na criação de escolas que inovassem respeitando a tradição, os ocidentais deixavam a arte circense ser quase engolida pela televisão e pelo fenômeno dos espetáculos de massa” (CASTRO, 2005, p. 208).

De acordo com Castro, o circo em geral se tornou no final do século XX no ocidente “num espetáculo previsível, datado e repetitivo” (CASTRO, 2005, p. 209). Destinado ao público infantil já não causava impacto nos adultos e se tornou: “Programa para se levar as crianças uma vez ao ano, e pronto” (CASTRO, 2005, p. 209).

Da mesma forma que o circo vivenciou no século XX seu apogeu interligado à representação imagética do palhaço, o seu declínio no final do século XX puxaria consigo a imagem do palhaço para o campo do fracasso. O genial Charles Chaplin realizou este prognóstico em sua longa-metragem *O Circo* (1928) no qual os palhaços circenses já aparecem sem produzir graça, a plateia não se comove com os espetáculos e o empresário circense se encontra em apuros financeiros. Curioso é que o declínio do palhaço de picadeiro se conecta com a ascensão do palhaço em outro campo tradicional das artes, o teatro:

O *clown* de palco, esse artista que reverencia a história dos palhaços de picadeiro e ao mesmo tempo nega-o, foi o palhaço dos anos 90 do século passado. Multiplicou-se por todo o mundo, gerando uma multidão de chatos que se achavam engraçados, mas também um seleto grupo de excelentes comédicos (CASTRO, 2005, p. 211).

Entretanto, os palhaços de palco que sobrevivem não fazem parte em geral do movimento da grande indústria do entretenimento e não possuem a capacidade de dialogarem com as grandes massas populacionais como foi o circo e como é o cinema, a televisão e as recentes mídias eletrônicas de comunicação como *tablets*, *notebooks* e *smart phones*.

4 O palhaço no século XXI

Por mais que exista a presença do circo no século XXI, sua adaptação aos novos tempos e sua presença na indústria do entretenimento globalizada como no caso do Cirque du Soleil, a indústria cinematográfica possui atualmente a capacidade de causar maior impacto social devido seu amplo alcance, facilidade de reprodução e acessibilidade. Os palhaços no cinema persistem também seguindo a linha construída dos seus antecessores longe das maquiagens e roupas coloridas com destaque para o inglês Rowan Atkison que no século XXI aparece em *Johnny English* (2003), *Mr. Bean's Holiday* (2007), *Johnny English Reborn* (2011) e *Johnny English Strikes Again* (2018).

Sem dúvidas, é no século XXI que se instaura uma poderosa e potente indústria vinculada ao entretenimento, a indústria de dados da *internet*. O professor estadunidense especialista em mídias digitais, David Carroll, expõe o poder dessa indústria que movimenta trilhões de dólares ao ano coletando, disponibilizando e filtrando dados na *internet* (CARROLL, 2019). De acordo com Araújo, Meira e Almeida, em 2016 a plataforma de busca na *internet* Google processava por dia mais de 3,5 bilhões de consultas de pesquisa (ARAÚJO, MEIRA e ALMEIDA, 2016). Em um mundo cada vez mais acessível e conectado à *internet*, é claro que de certa forma este universo impacta o comportamento dos indivíduos da sociedade de consumo. E o que se tem observado em relação aos palhaços é uma presença considerável nos resultados das plataformas de busca como Google e Bing da associação das palavras “palhaço” e “*clown*” ao universo dos palhaços sombrios.

Fazendo um paralelo ao que foi colocado, no artigo *Identifying Stereotypes in the Online Perception of Physical Attractiveness* (2016) os autores desenvolveram uma pesquisa pautada em dados quantitativos que apontaram como as plataformas de busca Google e Bing podem reforçar através dos resultados de busca o estereótipo jovial e racista da mulher em relação à sua idade e sua cor de pele:

No geral, encontramos estereótipos negativos para mulheres negras e mulheres mais velhas. Demonstramos que esse padrão de estereótipo está presente em quase todos os continentes, África, Ásia, Austrália / Oceania, Europa, América do Norte e América do Sul. Nossas experiências nos permitiram identificar grupos de países que compartilham padrões semelhantes de estereótipos. A existência de estereótipos no mundo online pode promover a discriminação em ambos mundos: online e real. Esta é uma importante contribuição deste artigo para tomar ações para reduzir o viés de discriminação no mundo online⁶ (ARAÚJO, MEIRA e ALMEIDA, 2016, p. 14, tradução dos autores).

É possível afirmar que agora o estereótipo do palhaço sombrio não está somente sendo alimentado pela indústria do entretenimento cinematográfica como também pela indústria de dados da *internet*, o que ocorre é que uma alimenta a outra. Por exemplo, neste exato momento ao escrever

⁶ Texto original: *Overall, we found negative stereotypes for black and older women. We have demonstrated that this pattern of stereotype is present in almost all the continents, Africa, Asia, Australia/Oceania, Europe, North America, and South America. Our experiments allowed us to pinpoint groups of countries that share similar patterns of stereotypes. The existence of stereotypes in the online world may foster discrimination both in the online and real world. This is an important contribution of this paper towards actions to reduce bias and discrimination in the online world.*

“palhaço” ou “clown” no *Google* ou no *Bing*, facilmente as plataformas vão conectar os resultados da busca com as grandes produções cinematográficas de palhaços sombrios, principalmente o palhaço It que ganhou o cinema em 2017 com grande sucesso de bilheteria. Este mecanismo desencadeia e reforça o consumo de vestimentas, máscaras, filmes, notícias, ou seja, todo um aparato online vinculado ao universo do palhaço sombrio. Entretanto, a questão é que o palhaço historicamente e socialmente não faz parte deste universo. Ele foi apropriado pelos autores, com destaque para os de gênero de terror, no século XX para contradizer a figura milenar⁷ essencialmente ligada à alegria e ao riso, o que funcionaria como uma pequena janela para contradição desta representação imagética essencialmente positiva. Contudo, no século XXI, o que está ocorrendo é uma distorção da representação simbólica⁸ do *clown*, aquela que foi disseminada principalmente pelo circo no século XX, e com repercussão não somente no campo artístico, mas diretamente na sociedade como é visto a seguir.

Figura 4. Foto de máscaras de palhaços vendidas em uma loja retrata muito bem a distorção da representação imagética do *clown*



Fonte: (BBC NEWS, 2016)

A onda de pessoas vestidas de palhaços sombrios ganhou repercussão primeiramente no final de 2014 na França que terminou com a detenção e o encarceramento de adolescentes. Contudo o grande fenômeno ficou conhecido como *avistamentos de palhaços em 2016*⁹ e ganhou notícias em grandes jornais e revistas pelo mundo como o *The Guardian*, *BBC News*, *The New York Times*, *Correio da Manhã* e *Rolling Stone*. O ocorrido ganhou também uma página na enciclopédia online Wikipédia com versões em 12 idiomas. A partir de agosto de 2016 foram avistadas pessoas no meio público fantasiadas de palhaços sombrios principalmente nos Estados Unidos e em sequência no Canadá e em diversos outros países. Há registros de ataques físicos como o caso do adolescente Owen Russell de 17 anos no Reino Unido, que levou seis pontos na cabeça após um palhaço sombrio jogar um pedaço de

⁷ Milenar porque na história há registros muito antigos sobre o profissional do riso que pode facilmente ser assimilado como o palhaço. Como Castro nos aponta: no Egito Antigo há registros do palhaço Danga que alegrava o faraó; na China, Yu Sze, era bufão do imperador Shih Huang-Ti no ano 300 A.C.; na Índia Antiga há registro de Birbal e na Grécia Antiga há registros do filósofo Hipólito que cita os palhaços Mandrógenes e Estratão (CASTRO, 2005, p. 20-23).

⁸ A intensa construção e proliferação da imagem dos palhaços sombrios entra em choque com a representação simbólica dos *clowns*.

⁹ O termo é mais conhecido no inglês: *2016 clown sightings*.

tronco de árvore sobre ele (BBC NEWS, 2016). Outro caso parecido foi na Suécia, onde um homem vestido de palhaço macabro esfaqueou no ombro um transeunte (CORREIO DA MANHÃ, 2016).

Em consequência dos avistamentos dos palhaços sombrios autoridades locais nos Estados Unidos começaram a proibir o uso de fantasias de palhaço: “No condado de Kemper, Mississippi, as autoridades locais deram um passo adiante, criando uma ordenança do condado para tornar ilegal a exibição de fantasias, máscaras ou maquiagem de palhaço até primeiro de novembro¹⁰” (JAMIESON, 2016, tradução dos autores). Ao mesmo tempo, a jornalista Joanna Waters revela o aumento do consumo de artigos relacionados aos palhaços sombrios:

E enquanto algumas escolas estão proibindo roupas de palhaço nas celebrações do Dia das Bruxas este ano, as lojas de fantasias estão fazendo uma mega liquidação e os palhaços loucos provavelmente sairão com força total durante rituais de doces ou travessuras no dia 31 de outubro.

"Estamos vendendo tudo. No momento, não temos fantasias de palhaço, por causa de toda essa coisa de palhaço que está acontecendo nas notícias. É melhor você olhar online ", disse na quarta-feira um vendedor de uma filial de Party City em Nova York¹¹ (WALTERS, 2016, tradução dos autores).

O próprio comércio representa um termômetro da magnitude desse fenômeno, principalmente quando a gigante McDonald's anunciou em outubro de 2016 que limitaria a imagem do seu palhaço ícone, Ronald McDonald, devido a onda dos palhaços sombrios.

Vários jornalistas que noticiaram os avistamentos de palhaços deram destaques também para as redes sociais onde os usuários compartilharam e produziram imagens de palhaços sombrios, o que acaba alimentando mais este universo e a prática de aterrorizar transeuntes. Esta relação entre palhaços sombrios, cinema e redes sociais é facilmente visível com o criado filtro do *Instagram Stories* e *Facebook Stories*. O aplicativo de rede social Instagram permitiu que o usuário produzisse uma foto facial da qual o efeito adicionado simulasse a maquiagem semelhante ao do personagem Coringa do filme *Coringa* (2019). De acordo com o jornalista Marvim Costa este é o propósito do Instagram se associar ao filme de sucesso criando o filtro Joker (COSTA, 2019).

Como se sabe, a indústria do entretenimento não aposta em uma vertente sem analisar as projeções de lucros favoráveis e houve indícios do interesse do público no século XXI em consumir mais histórias vinculadas aos palhaços sombrios. Um bom mecanismo para oferecer relevância em produzir um filme relacionado a este tema são as histórias de quadrinhos onde é possível mapear a partir das vendas o interesse do público. Um exemplo disso é o famoso personagem Ryuk, uma entidade sobrenatural da mitologia japonesa que convida as pessoas para a morte ou as induzem a cometer suicídio, ele é um personagem central do *mangá* japonês *Death Note* que se assemelha a um palhaço sombrio. Lançado seu primeiro volume em 2003, as revistas fizeram tanto sucesso que tornou *anime* em 2006 e 2007 e *game* em 2007 e 2008; a produção cinematográfica do *mangá* conta com quatro filmes com o último *Death Note: Light Up the New World* (2016) e uma adaptação americana lançada em 2017 na Netflix.

Além das pessoas machucadas e assustadas pelos avistamentos de palhaços, os pânico coletivos e as novas preocupações das autoridades locais, a alta projeção dos palhaços sombrios no século XXI não atrapalhou apenas o Ronald McDonald, mas sim a todo um conjunto de profissionais vinculados ao universo dos palhaços da comicidade. Imagine para um palhaço profissional que trabalha em hospitais como os *Doutores da Alegria* no Brasil, além do desafio de levar alegria para

¹⁰ Texto original: *In Kemper County, Mississippi, local authorities went a step further, creating a county ordinance to make it illegal to appear in clown costume, mask or make-up until 1 November.*

¹¹ Texto original: *And while some schools are banning clown outfits from Halloween celebrations this year, costume shops are making a killing and demented clowns are likely to be out in full force during trick-or-treat rituals and parades this 31 October.*

"We're selling out. Right now we have no clown costumes, because of this whole clown thing that's happening in the news. You'd better look online," a cachier at a New York branch of Party City said on Wednesday.

crianças em condições clínicas difíceis precisarem lidar com o possível preconceito de suas presenças serem confundidas com a dos palhaços sombrios.

A categoria de profissionais que trabalha com o universo dos palhaços cômicos ficou preocupada com a onda de palhaços sombrios e o possível aumento da coulrofobia¹² como o curador Mattie Faint do museu Clowns' Gallery em Cumberland Close, Reino Unido, coloca: "Qualquer pessoa afetada [pela onda de palhaços sombrios] pode pensar duas vezes em querer um palhaço na festa¹³" (FAINT, 2016, tradução dos autores) referindo ao crescente desinteresse dos pais em contratar palhaços para a animação de festas. Dick Milhollan, último diretor artístico do Brothers and Barnum & Bailey Clown College nos Estados Unidos disse: "Enquanto isso, todo Bozo amador vai aparecer e isso é o que a América vê, reforçando o estereótipo de que ser um palhaço é apenas uma grande peruca e pintura no rosto¹⁴" (MILHOLLAN, 2016) como se fosse fácil ser palhaço e não envolvesse muitas das vezes altos investimentos financeiros com cursos e exaustivas horas de ensaio e dedicação.

A verdade é que a indústria do entretenimento, a indústria de dados na *internet* e as redes sociais estão promovendo uma publicidade preponderante para o surgimento da onda dos palhaços sombrios nas ruas e principalmente nos finais de ano em que muitos países se comemora o Dias das Bruxas e as lojas vendem fantasias de palhaços malévolos. Tudo isto está afetando a relação da sociedade no século XXI com a representação imagética do palhaço causando pânico nas pessoas e prejudicando, empresas, instituições e principalmente muitos palhaços profissionais e outros trabalhadores associados.

5 Conclusão

A grande indústria do entretenimento poderia estar explorando por exemplo novas palhaças no cinema e a descoberta do humor relacionado ao universo das mulheres que representa um desdobramento recente da emancipação social da mulher:

Palhaças sempre foram poucas. Algumas, como a filha do João Alves, trabalhavam escondidas através da maquiagem, outras eram relegadas a um papel secundário e atendiam pelo delicado e nada cômico nome de *clownettes*. Mas esse não era um "privilégio" das palhaças; era um problema enfrentado por todas as mulheres (CASTRO, 2005, p. 220).

Na verdade, o que tudo indica é a tendência em seguir o caminho do lucro mais fácil mesmo que precise desvirtuar um arquétipo construído milenarmente. Representa um fato histórico da indústria cultural o antagonista do palhaço tão em evidência como no momento presente e era inimaginável nos Estados Unidos uma histeria coletiva como em 2016 por conta dos aparecimentos dos palhaços assustadores nas ruas. As plataformas de pesquisa na *internet* como o *Google* e o *Bing* não só estão repletas de estereótipos com imagens de palhaços sombrios como estes estão em evidência nos *rankings* dos resultados de busca para as palavras "palhaço" ou "clown".

Provocar o riso é algo próprio e exclusivo da espécie humana e o sujeito que o provoca é reconhecido universalmente como palhaço. Transformar este sujeito em algo sombrio é definitivamente uma distorção representativa imagética do seu papel social. Enquanto a onda de palhaços sombrios estiver garantindo lucros ela tende a permanecer independente das consequências sociais negativas que ela alimenta e que ainda é difícil obter a real dimensão do que ela provocará a longo prazo. A discriminação aos palhaços permanece, tanto é o grande descaso da indústria do entretenimento com os profissionais diretamente afetados pela exaltação dos palhaços sombrios. Será estranho no próximo século olhar para a história dos palhaços do presente e perceber este relevante desvio simbólico da figura do palhaço no século XXI.

No final do seu livro, *O elogio da bobagem* (2005), Castro aborda a questão da ética e do humor, e termina dizendo:

¹² Pode ser chamado também de medo de palhaço, normalmente está associado à fobia de palhaços com roupas, maquiagens e cabelos coloridos e extravagantes.

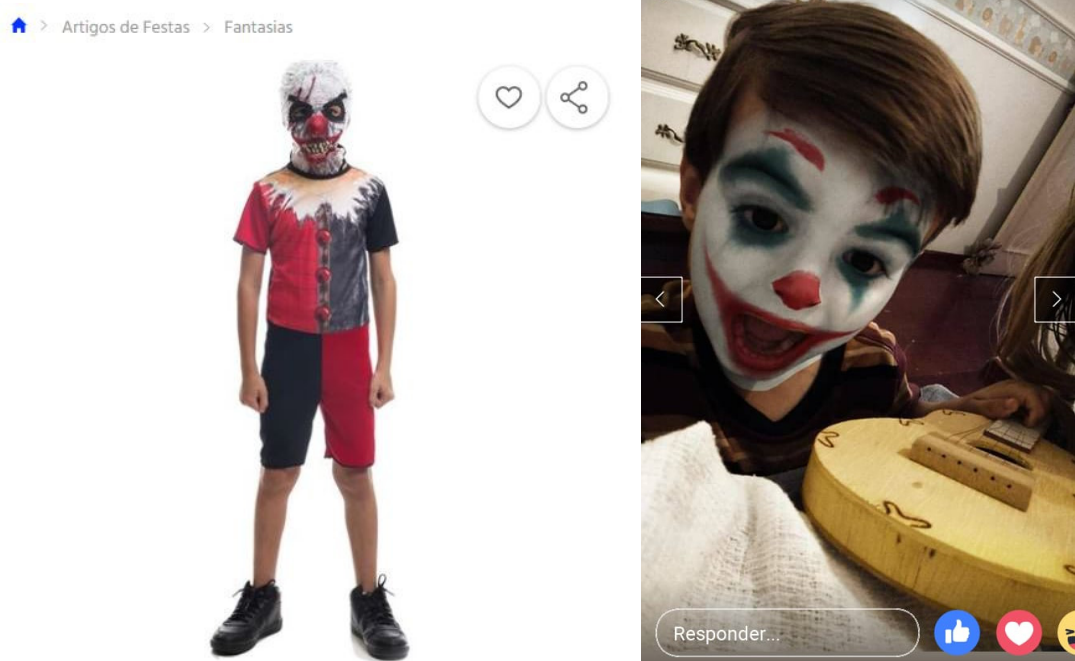
¹³ Texto original: *Anyone who's been affected may think twice about wanting a clown at their party.*

¹⁴ Texto original: *Meanwhile, every amateur Bozo is going to come out and that's going to be what America sees, reinforcing the stereotype that being a clown is just about a big wig and face paint.*

Palhaço não dá lição de moral, mas também não é amoral. Mas quem sabe a diferença? Quem conhece o limite? Acho que tudo depende do lado que escolhemos na vida e de compreender que, a todo instante, é como se um espelho aparecesse, o muro andasse, trocando os lados de lado. O que é justo num determinado momento ou situação pode ser muito injusto no seguinte. A verdade nunca é absoluta, a bondade nem sempre é o melhor caminho, e por aí vão as coisas, exigindo atenção, sabedoria e um firme exercício de fidelidade aos princípios que norteiam a vida dos que escolhem ter princípios na vida (CASTRO, 2005, p. 257).

Partindo dessa ideia, pode-se concluir que o que pareceu justo, não ofensivo ou amoral em relação aos palhaços sombrios no século XX, atualmente o muro andou e essa noção não permanece a mesma. A sociedade de consumo está revelando seu aspecto antiético em relação aos palhaços e em relação às crianças. Não há nada mais bizarro do que encontrar na *internet* fantasia do palhaço sombrio It para comprar para crianças, ou seja, uma obra produzida pelo cinema que obteve classificação indicativa para maiores de dezessete anos nos Estados Unidos e maiores de dezesseis anos no Brasil está sendo consumida por crianças; seja em formato de fantasia ou seja no formato tecnológico como do *Instagram Stories*, isto revela o quanto o capitalismo pode enveredar caminhos bizarros e prejudiciais em desfavor da sociedade devido o foco obstinado aos lucros, ao mesmo tempo que revela suas contradições por haver assimilado no século XX a figura do palhaço circense ao universo infantil.

Figura 5: À esquerda fantasia infantil sendo vendida na *internet* intitulada *Palhaço It a Coisa* com numeração direcionada para crianças de dois a doze anos. À direita foto de criança feita com o filtro do *Instagram Joker* e compartilhada na rede *Facebook*.



Fonte: Imagem da esquerda site da plataforma de comércio Submarino e imagem da direita retirada da rede social *Facebook* de um dos autores.

Importante ressaltar o papel do design gráfico nas transições imagéticas do palhaço pela indústria do entretenimento, principalmente no século XX quando os cartazes impressos foram primordiais na construção imagética do palhaço e sua relação com o universo infantil.

O prognóstico não pode ser dos melhores, é provável que estas crianças brincando de palhaços sombrios hoje, amanhã sejam como os adolescentes que aterrorizaram os franceses em 2014 ou como os adultos coulrofóbicos.

From comic to horror: images transitions of the clown in consumer society

Abstract:

This paper carried out an analysis of the symbolism of the clown in the present times focusing on the entertainment industry. As of history from the 19th to the 21st century which accompanies technological and media transitions within the consumer society, the image of the clowns has moved not only within the field of comedy but has crossed borders and gained strength in the horror genre. This essay investigated this phenomenon in which circus posters with clown drawings in the 20th century have assumed an important role in this new transition. The new paradigm of the *dark clowns* reveals consequences beyond the media platforms that caused changes of consumption and behavior in relation to traditional clowns.

Keywords:

Clown; horror; consumption; culture; entertainment

Referências bibliográficas

- AMERICAN Experience: The Circus. Direção: Sharon Grimberg. Produção: Sharon Grimberg. [S.l.]: American Experience Films PBS. 2018.
- ARAÚJO, C. S.; MEIRA, W.; ALMEIDA, V. Identifying Stereotypes in the Online Perception of Physical Attractiveness. In: SPIRO, E.; AHN, Y.-Y. **Social Informatics: Part I**. 1. ed. [S.l.]: Springer, v. 10046, 2016. Cap. 26, p. 1-19. Lecture Notes in Computer Science.
- ARMERO, J. M.; PERNAS, R. **Cien años de circo en España**. Calpe: Espasa, 1985 *apud* JARA, J. **El Clown: un navegante de las emociones**. 1. ed. Sevilla: Proexdra, v. II, 2000.
- BARTHOLOMEW, E. News: Crime & Court: 'Killer clown craze could kill our business' warns Dalston clown museum curator. **Hackney Gazette**, 2016. Disponível em: <<https://www.hackneygazette.co.uk/news/crime-court/they-can-t-call-themselves-clowns-killer-clown-craze-condemned-by-dalston-clown-museum-curator-1-4733503>>. Acesso em: 23 Outubro 2019.
- BBC NEWS. UK: England: Local News: Regions: Sheffield & South Yorkshire: Boy injured in clown craze attack in Rotherham. **BBC News**, 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-south-yorkshire-37634853>>. Acesso em: 19 Outubro 2019.
- BOTTUM, J.; BLESSINGER, J. L. The American Circus: A History of the Big Top. **brewminate**, 2019. Disponível em: <<https://brewminate.com/the-american-circus-a-history-of-the-big-top/>>. Acesso em: 25 Setembro 2019. Imagem retirada do artigo dos autores.
- CARROLL, David, in: PRIVACIDADE Hackeada. Direção: Karim Amer e Jehane Noujaim. Produção: Karim Amer; Pedro Kos e Mike Lerner. [S.l.]: [s.n.]. 2019.
- CASTRO, A. V. D. **O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no Mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Família Bastos, v. I, 2005.
- CIRCOPEDIA.ORG. File: Fratellini Poster (1927). **Circopedia.org**, 2007. Disponível em: <[http://www.circopedia.org/File:Fratellini_Poster_\(1927\).jpg](http://www.circopedia.org/File:Fratellini_Poster_(1927).jpg)>. Acesso em: 8 Outubro 2019.
- CIRCOPEDIA.ORG. File: Lou Jacobs poster (1965). **Circopedia.org**, 2007. Disponível em: <http://www.circopedia.org/File:Lou_Jacobs_poster.jpg>. Acesso em: 14 Outubro 2019.

CORREIO DA MANHÃ. CM ao minuto: "Palhaço" esfaqueia homem na Suécia. **Correio da Manhã**, 2016. Disponível em: <<https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/atacante-mascarado-de-palhaco-esfaqueia-homem-na-suecia>>. Acesso em: 22 Outubro 2019.

COSTA, M. APPS: Redes sociais: Filtro do Coringa no Instagram: como usar o efeito Joker nos Stories. **Techtudo**, 2019. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2019/10/filtro-do-coringa-no-instagram-como-usar-o-efeito-joker-nos-stories.ghml>>. Acesso em: 23 Outubro 2019.

DAVIS, Janet M, in: AMERICAN Experience: The Circus. Direção: Sharon Grimberg. Produção: Sharon Grimberg. [S.l.]: American Experience Films PBS. 2018.

FAINT, Mattie, in: BARTHOLOMEW, E. News: Crime & Court: 'Killer clown craze could kill our business' warns Dalston clown museum curator. **Hackney Gazette**, 2016. Disponível em: <<https://www.hackneygazette.co.uk/news/crime-court/they-can-t-call-themselves-clowns-killer-clown-craze-condemned-by-dalston-clown-museum-curator-1-4733503>>. Acesso em: 23 Outubro 2019.

JAMIESON, A. US news: No clowns allowed: scariest Halloween costume of 2016 faces bans across US. **The Guardian**, 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2016/oct/26/clowns-banned-halloween-costume-2016-schools>>. Acesso em: 19 Outubro 2019.

JARA, J. **El Clown**: un navegante de las emociones. 1. ed. Sevilla: Proexdra, v. II, 2000.

MILHOLLAN, Dick, in: WALTERS, J. News: US: Clown sightings: hysteria in the US reaches a fever pitch. **The Guardian**, 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2016/oct/16/clowns-scary-black-lives-matter-arizona-halloween>>. Acesso em: 22 Outubro 2019.

PRIVACIDADE Hackeada. Direção: Karim Amer e Jehane Noujaim. Produção: Karim Amer; Pedro Kos e Mike Lerner. [S.l.]: [s.n.]. 2019.

REZENDE, A. M. D.; BIANCHET, S. B. **Dicionário do latim essencial**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, v. I, 2014.

WALTERS, J. News: US: Clown sightings: hysteria in the US reaches a fever pitch. **The Guardian**, 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2016/oct/16/clowns-scary-black-lives-matter-arizona-halloween>>. Acesso em: 22 Outubro 2019.